

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

# O Militante

GES  
PCP

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

## O MOVIMENTO DE MAIO DE 44 E AS NOVAS TAREFAS DO PARTIDO

**CORRESPONDENDO** ao chamamento do Partido, seguindo a sua orientação e palavras de ordem, dezenas de milhar de operários e camponeses, da região de Lisboa, de novo se lançaram à luta, exigindo do governo fascista de Salazar, por intermédio da greve e de manifestações de rua, pão e géneros para poderem trabalhar e viver.

A nova jornada de luta dos operários e dos camponeses efectuada em maio, foi particularmente importante, visto que:

1 — Mostrou a união, já existente, entre operários e camponeses, em luta por objectivos comuns, abrindo, neste aspecto, consideráveis perspectivas para futuras e mais intensas lutas do povo português;

2 — Esta nova jornada de luta deu ao Partido e a todos os seus militantes que nela mais directamente participaram, uma ideia mais precisa da real influência do Partido junto das massas, das condições existentes no sentido de as mobilizar, de novo, para novas acções;

3 — Facilitou ao Partido um conhecimento mais exacto do real estado das suas organizações — no que refere à ligação com as massas, no que respeita à sua capacidade de mobilização;

4 — Permitiu ao Partido poder fazer uma melhor ideia da capacidade e possibilidades de direcção das suas organizações e militantes, com vistas a novas lutas da classe trabalhadora, com vistas a novas acções de Unidade contra o fascismo salazarista.

Apesar de ser ainda cedo para o Partido colher todas as experiências e tirar todas as conclusões resultantes do movimento de maio, há que reparar imediatamente no seguinte:

Notou-se, durante e depois do movimento de maio, uma certa falta de espírito de análise, desligação das massas, falta de actuação e decisão por parte de alguns camaradas e organizações, o que motivou, fundamentalmente, a não parti-

cipação no movimento de algumas fábricas e empresas, conforme se contava inicialmente, o que motivou uma série de hesitações ficando os trabalhadores à espera uns dos outros para se lançarem no movimento. Daqui os seguintes pontos que devem ser desde já considerados: como tarefas imediatas para todos os camaradas e organizações do Partido, da região de Lisboa:

1 — Uma rápida análise deve ser feita a-fim-de averiguar em que circunstâncias ficou a organização do P. depois do movimento e em que ponto está a sua ligação com as massas trabalhadoras;

2 — Verificar qual foi a verdadeira actuação dos Comitês de greve assim como do verdadeiro prestígio que os seus componentes gozam entre as massas trabalhadoras;

3 — Ver bem qual é o estado de espírito actual das massas, sem confundir os seus desejos e disposições para a luta, com o que neste sentido possam desejar e querer os nossos camaradas e diferentes organizações;

4 — Uma constante actividade deve ser desde já levada a cabo por parte das organizações e militantes do Partido da região de Lisboa, com o objectivo de que todos os elementos que mais se tenham destacado na luta, sejam atraídos a um trabalho de direcção das massas operárias e camponesas, sejam atraídos ao P.

Ao problema da organização do nosso Partido, à sua ligação com as massas trabalhadoras da cidade e do campo, a todos os erros e deficiências notados durante e depois do movimento de maio, com vistas a novas lutas, eis para onde devem convergir fundamental e imediatamente, as atenções das organizações e camaradas do Partido, se queremos que o nosso Partido possa, melhor ainda, dirigir as futuras lutas das classes trabalhadoras e do povo português, para o completo aniquilamento do regime salazarista.

## *Aliança do proletariado com o campesinato*

O proletariado tem, na revolução nacional-democrática, um papel de guia, de dirigente. As outras classes interessadas nesta revolução são aliadas do proletariado. Mas é ao proletariado, como classe mais avançada e mais revolucionária, que cabe o papel de direcção.

O mais forte e fiel aliado do proletariado é o campesinato. A aliança do proletariado com o campesinato é uma condição fundamental para a vitória do movimento anti-fascista. Mas, para que o campesinato reconheça no proletariado o seu guia, é necessário que o campesinato verifique que, de facto, o proletariado é a classe mais avançada e revolucionária, que o proletariado caminha na vanguarda do movimento anti-fascista. A aliança do proletariado com o campesinato, sob a direcção do proletariado, não é um mero problema teórico. O proletariado, para se assegurar do apoio do campesinato, para atrair as massas camponesas à luta, tem de dar provas palpáveis de compreender os problemas das classes camponesas. O proletariado tem de correr em auxílio das massas camponesas nas suas lutas e tem de, à frente das outras classes, continuar empunhando o facho da luta nacional anti-fascista.

A um facto deve ser ligada a maior atenção: estamos assistindo em Portugal a uma rápida radicalização das massas camponesas, à sua crescente combatividade, à sua cada vez mais activa participação no movimento nacional anti-fascista.

Este facto mostra a ampla perspectiva existente para a aliança do proletariado com o campesinato, mostra que o proletariado não está sozinho na luta aberta contra o fascismo.

Porém, se a esta radicalização das massas camponesas não corresponde a intensificação da luta operária, se o proletariado deixa de encabeçar a todo o momento as lutas populares, se não auxilia as lutas camponesas, corre-se o risco de separar o campesinato do proletariado. Se se repetem casos como o passado em Alenquer, onde os camponeses em massa, numa manifestação pelo Pão, foram às fábricas Romeira e Cheminia solicitar a participação dos operários na manifestação e estes se recusaram a acompanhá-los, se se repetem casos como este, corre-se o risco de que o campesinato perca a confiança no proletariado, não veja neste o seu aliado e guia. Isto criaria terríveis dificuldades ao movimento anti-fascista.

Isto é tanto mais grave quanto é certo que nunca em Portugal a situação foi mais favorável para a união da luta das vastas massas operárias e camponesas.

A situação nacional está evoluindo no sentido de fazer de tal forma coincidir os interesses do proletariado com o campesinato, que abre a imediata possibilidade de **lutas comuns** de operários e camponeses. O miserável racionamento do pão, a falta de géneros, os salários de fome, dão à luta de operários e camponeses **objectivos comuns** e aconselham **formas comuns de**



**luta:** manifestações pelo pão e pelos géneros, greves pelo aumento de salários.

Os trabalhadores de vanguarda, tendo à frente os comunistas, não devem nem um só momento esquecer esta realidade e todos os seus esforços devem ser empregados para fortalecer os laços de

confiança e de solidariedade entre o proletariado e o campesinato, para unificar a luta de operários e camponeses.

Está é uma questão vital para o movimento operário e anti-fascista, para o triunfo da revolução nacional-democrática contra o fascismo salazarista.

## Um desvio esquerdista no movimento estudantil É NECESSÁRIO AGIR NA "MOÇIDADE PORTUGUESA"

**MUITOS** dos nossos camaradas estudantes, incluindo alguns dos mais responsáveis, estão agora defendendo uma concepção nitidamente «esquerdista» em relação à actividade na MP. Contra a orientação do Partido e da FJC, tais camaradas manifestam-se em desacórdio com qualquer actividade na MP.

Em que bases fundamentam esses camaradas a sua opinião?

Esses camaradas afirmam que a maioria dos estudantes das universidades e escolas técnicas antipatizam com a MP, não sentem sequer interesse pela vida e actividade da MP; esses camaradas afirmam que o mesmo se dá com a população em geral; afirmam que a maioria dos estudantes e os melhores, os mais inteligentes, os mais cultos, são anti-fascistas; afirmam ainda que os dirigentes da MP são reaccionários, são uns cães de fila do fascista Marcelo Caetano; afirmam que todos os quadros de direcção da MP vivem afastados dos membros da MP.

Tudo isto é muito verdade. Mas estes factos não constituem base suficiente para concluir (como fazem esses nossos jovens camaradas) que não nos deve interessar qualquer actividade na MP.

1 — O primeiro grande erro dos nossos camaradas é limitarem-se a considerar a acção da MP nas escolas superiores e técnicas, esquecendo que a maioria esmagadora dos membros da MP é composta por alunos das escolas secundárias (liceus e colégios particulares).

O fascismo procura por todas as formas influenciar esses muitos milhares de jovens, atraíndo-os com festas, campismo, desportos, etc., para mais facilmente os educar num espírito reaccionário e chauvinista. Renunciar à acção

dentro da MP significa abandonar à influência do fascismo, à influência dos dirigentes reaccionários da MP, a parte mais jovem da mocidade escolar.

Vemos assim o grande erro desses nossos camaradas e a necessidade de trabalhar na MP, de forma a ganhar posições (instrutores, graduados, comandantes de Castelo e até de Bandeira) junto das organizações das escolas secundárias. A finalidade desse trabalho é NEUTRALIZAR a influência fascista, é arrancar à influência do fascismo esses milhares de jovens.

2 — O segundo erro dos nossos camaradas é TER POR HUMILHANTE, por vergonhoso para um anti-fascista, ENVERGAR UMA FARDA DA MP.

Se envergar uma farda da MP é o caminho para subtraírmolos à influência do fascismo muitos milhares de jovens, aqueles que se negam a envergá-la (salvo estudantes muito conhecidos como anti-fascistas), por temerem críticas e censuras, terão talvez uma bonita preparação teórica, saberão talvez falar em «revolução proletária» e em «marxismo-leninismo», mas são pobres revolucionários, são pobres marxistas-leninistas.

3 — Um outro erro desses nossos camaradas é julgarem que o seu eventual trabalho na MP iria prestigiar a MP e os seus chefes fascistas, iria dar uma nova vitalidade à MP.

Os nossos camaradas esquecem que, desde que a actividade dos nossos camaradas na MP tenha um conteúdo anti-fascista, o prestígio e a «nova vitalidade» que poderia resultar para a MP, não iriam fortalecer o fascismo, não iriam fortalecer a organização fascista MP, mas, ao contrário, criariam um novo movimento progressista da juventude,



um novo movimento dirigido objectivamente contra o fascismo.

A posição destes nossos camaradas estudantes faz lembrar a posição que, uns anos atrás, alguns camaradas tomaram em relação aos Sindicatos Nacionais. Também eles temiam «prestigiar» os sindicatos fascistas com a sua actividade e tinham por indigno pertencer às suas direcções. E, entretanto, onde quer que foi conseguido conquistar a direcção dos SN ou conduzida dentro deles

uma actividade progressista em defesa dos interesses da classe operária, ainda se não verificaram casos em que isso tenha revertido em benefício do fascismo.

É necessário combater este desvio «esquerdista» e levar a uma posição justa os nossos camaradas. O que de forma alguma é desejável é que a direcção do movimento estudantil comunista continue ainda hoje a condenar a actividade na MP.

## REFORCEMOS O TRABALHO CONSPIRATIVO

O reforçamento do trabalho conspirativo por parte de todas as nossas organizações e camaradas está na base da segurança e continuidade de todo o trabalho partidário.

A experiência mostra-nos que a polícia consegue intervir na actividade partidária ali onde o trabalho conspirativo é mais débil, ali onde os nossos militantes não tomam as medidas indispensáveis à sua defesa e das organizações a que pertencem.

Muitos camaradas e organizações não tomam na devida conta a actividade policial e descançam na circunstância de, durante certo período de tempo, a acção da polícia se não fazer sentir, e quando acordam já é demasiado tarde.

Assim, a polícia, que conta com vastos recursos, não poupa esforços no aperfeiçoamento e reforçamento do seu aparelho repressivo, tanto intensificando o recrutamento de novos agentes, como aperfeiçoando os seus métodos de repressão. Nos bairros das grandes cidades e nas localidades de maior importância populacional ou industrial, a polícia mantém um quadro permanente de agentes informadores sob a direcção dum chefe local, recrutados entre os mais variados meios sociais, e que têm como missão a vigilância da área que lhes é designada e a de vigiarem os indivíduos que se lhe tornam suspeitos.

A esta acção da polícia deve corresponder um reforçamento de todo o trabalho conspirativo por parte dos nossos militantes e organizações, baseados nos seguintes pontos:

1.º — Os nossos militantes devem dar à sua vida uma aparência tão normal quanto possível, de forma a não chamar sobre si as atenções dos vizinhos ou dos habitantes da sua localidade;

2.º — Os nossos militantes de base devem deslocar o fundamental da sua actividade para os locais de trabalho,

pois é ali que com maior facilidade poderão desenvolver o seu trabalho revolucionário e que melhor conhecem as pessoas com quem mais de perto lidam;

3.º — Aquela actividade estritamente ilegal e conspirativa, como a distribuição da imprensa, encontros, ligações, etc., deve ser objecto dos maiores cuidados e deve merecer por parte de todas as nossas organizações um estudo atento, tendo sempre em conta a natureza da tarefa e do sector em que deve realizar-se;

4.º — Os nossos militantes legais devem ter o máximo cuidado quando se dirigirem para qualquer encontro, indo para ele com a certeza de que não são seguidos.

Estas são, a traços largos, as tarefas que, sob o ponto de vista conspirativo, competem a todos os militantes; cabe às organizações respectivas controlar a execução destas tarefas, e são as responsáveis do mau trabalho conspirativo dos seus militantes.

As organizações e os camaradas do Partido devem ter sempre bem presente que da realização dum bom trabalho conspirativo depende a boa segurança e continuidade de todo o nosso trabalho.

\*\*\*

«Através das lutas que tem travado em dezenas e dezenas de fábricas e empresas, a classe operária preparou-se para novos e grandes combates.»

(Do manifesto do Partido Comunista aos trabalhadores, Março de 44)

...

«As lutas que, dentro de cada empresa, os trabalhadores têm travado desde julho-agosto trouxeram importantes vitórias para a classe operária.»

(Do manifesto do PCP aos trabalhadores, Março de 44)



## Experiências da luta reivindicativa

### UM EXEMPLO DE COMO SE NÃO DEVE FORMAR UMA COMISSÃO DE UNIDADE

**N**A localidade X há uma importante concentração industrial. Apesar disso, a organização do Partido, ainda que fazendo a distribuição de algumas dezenas de «Avante!», está quase totalmente isolada das fábricas, não conduzindo nenhuma actividade de massas.

Mas, perante os exemplos da classe operária da região de Lisboa, perante a insistência do Partido (pela imprensa e por via da organização) para desencadear em todo o país a luta reivindicativa, os nossos camaradas de X resolveram fazer alguma coisa. O que fizeram mostrou porém que não compreenderam devidamente as palavras de ordem do Partido, mostrou que não assimilaram devidamente as experiências da luta dos operários da região de Lisboa.

O esforço da organização local de X para sair do seu grupinho sectário é, por si só, um facto positivo. Mas o movimento reivindicativo que iniciaram foi mal conduzido e a Comissão que formaram pode ser considerada um exemplo de **COMO SE NÃO DEVE** formar uma Comissão de Unidade.

O que fizeram os nossos camaradas de X?

Eles **NOMEARAM** uma Comissão. Para tal, não procuraram saber a opinião dos operários das fábricas, nem procuraram tampouco a sua colaboração. Os nossos camaradas, fechados nos seus grupinhos ilegais, designaram os membros da Comissão que, sem se ligar às massas, começou a agir.

Esta maneira de formar uma Comissão para apresentar as reivindicações operárias é totalmente errada. Porquê? Em primeiro lugar, porque uma tal «Comissão» não age ligada às massas, não conta com a simpatia nem com o apoio das massas. As massas não sentem interesse na acção duma tal Comissão, não a acompanham, não vêem nela a SUA Comissão. Por outro lado, a «Comissão» não sente atrás de si a força da classe, sente-se sem força para exigir firmemente do patronato a satisfação das reivindicações operárias. Isso a leva, **NÃO A EXIGIR, MAS A PEDIR**, em termos humildes. Isto explica porque a exposição da «Comissão» formada pelos nossos camaradas de X foi feita em termos humilhantes, referindo-se inclusivamente à «gratidão do pessoal ao governo de

Salazar». Finalmente: o patronato apercebe-se de que a «Comissão» não tem força alguma, de que é um grupo isolado da classe e, por isso, ri-se das suas petições.

Isto mostra que os nossos camaradas não souberam compreender a grande vontade combativa da classe operária, não tiveram em conta a radicalização e a força das massas. Não temos de nos admirar que as massas tenham saltado à frente dos nossos camaradas e que estes, desde então, tenham ido a reboque dos acontecimentos. Os operários de X, dando uma lição à nossa organização de X, juntaram-se espontaneamente e fizeram uma grande concentração exigindo a satisfação das suas reivindicações. Mesmo então, a «Comissão» fracassou totalmente. Os membros da «Comissão», intimidados pela acção das massas, foram pedir desculpa ao patronato pelos «excessos» das massas durante a concentração.

Ve-se assim como foi errada a forma dos nossos camaradas de X formarem uma Comissão e como esta é um exemplo de **COMO NÃO DEVE SER FORMADA** uma Comissão de Unidade.

Quais são, na realidade, as características fundamentais duma Comissão de Unidade?

Ela deve, em primeiro lugar, ser escolhida ou aceite pelas massas, deve contar com o apoio dos trabalhadores, deve ser vista pelos trabalhadores como a SUA Comissão. Isto só se consegue se, na formação das Comissões, houver o cuidado, não de as escolher em grupinhos fechados, mas de agitar a questão dentro das fábricas e levar os trabalhadores a elegerem ou a concordarem com a proposta duma Comissão composta por trabalhadores honrados, combativos e de prestígio, quaisquer que sejam as suas convicções.

A Comissão deve, em segundo lugar, apresentar ao patronato reivindicações aprovadas pelos trabalhadores, deve exigir que seja dada a situação dos trabalhadores a solução que estes desejam. Isto só se consegue, se houver o cuidado de agitar, entre todos os operários, a necessidade de se apresentarem as reivindicações, se forem feitos, com a



## TRABALHO SINDICAL

### Conheçamos os estatutos e a organização das assembleias gerais

A tarefa em relação aos Sindicatos Nacionais dos militantes comunistas, dos nossos simpatizantes e de todos os operários com consciência de classe interessados em melhores condições de vida, consiste — como se acentuou no I Congresso Ilegal do Partido — em converter os Sindicatos Nacionais, de organismos defensores dos interesses do patronato, em organismos defensores dos interesses da classe operária.

Seade isto verdade para todo o país, no que se refere ao aproveitamento dos sindicatos para defesa dos interesses dos trabalhadores, aplica-se em especial nas regiões em que exactamente é maior o atraso político e revolucionário da classe operária.

O próprio fascismo começa a dar-se conta de que os sindicatos podem ser instrumentos de luta para a defesa dos interesses da classe operária, e para se assegurar do seu controle e quebrar o espírito de luta das massas, começa a JOGAR com a ignorância delas no que se refere ao conhecimento dos estatutos dos sindicatos e da organização das assembleias gerais. Estes factos não fazem senão demonstrar que os sindicatos foram criados para submeter os operários aos patrões, e que é necessário fazer deles uma arma da classe operária. Exemplificamos.

Em Braga realizava-se em fevereiro a assembleia geral do S.N. dos Motoristas a fim de votar o relatório e contas e proceder à eleição dos novos corpos gerentes. No entanto, as delegações sindicais foram notificadas, por carta, que trazia uma proposta dos novos corpos gerentes, SEIS DIAS DEPOIS de realizada a reunião.

No Porto foi anunciada a assembleia geral do S.N. dos Operários Metalúrgicos do Distrito do Porto para fevereiro. Os operários da indústria, ao terem conhecimento dela, procederam à elaboração duma lista de novos corpos gerentes para ser apreciada e aprovada pela classe. Mas a direcção em exercício, sabendo-o e convencendo-se de que a classe estava disposta a expulsar do sindicato todos os traidores, procurou evitar que participassem activamente na reunião. Como o conseguiu? Jogando com o desconhecimento da classe no que se refere à organização duma assembleia geral, utilizando-se, pela primeira vez, de

PROCESSOS NUNCA VISTOS NA VIDA DO SINDICATO: inscrição no princípio da reunião para quem quisesse usar da palavra, obrigatoriedade de usar da palavra junto da Mesa e aprovação por palmas dos corpos gerentes propostos pela direcção cessante. A massa associativa presente, desconhecendo como usuais estes processos, não só não se inscreveu, como ainda, na aprovação, limitou-se, depois duma «claque» levada e preparada pela direcção ter batido palmas, a propor a aprovação da lista da oposição, que foi repudiada.

No S.N. dos Operários das Indústrias Têxteis do Distrito do Porto, na assembleia geral ordinária realizada em fins de janeiro, passou-se o seguinte: No relatório de contas estava inscrita uma verba que levantou discussão por não corresponder a benefícios práticos para a classe. Um membro da classe e sócio do sindicato, em dia com as contas, propôs que fôsse destinada à aquisição de medicamentos para os sócios doentes. O DIREITO DE DISCUTIR SOBRE A VERBA FOI RETIRADO AO REFERIDO SÓCIO, sendo-lhe alegado pelo presidente da Assembleia Geral «que de nada valia discutir sobre as contas pois estavam aprovadas para todos os efeitos pelo Instituto Nacional de Trabalhadores».

Tudo isto indica-nos que o fascismo procura ludibriar os trabalhadores sindicados, afastando-os da luta sindical pela aplicação de processos referentes à organização das assembleias gerais desconhecidos das massas, e pela ignorância destas quanto aos próprios estatutos dos sindicatos. Ao mesmo tempo que esta «manobra» fascista reflecte a mais crescente vontade para a luta e o aumento de consciência de classe das camadas operárias politicamente mais atrasadas, impõe-se que saibamos pôr a classe operária em guarda contra todos os processos mais ou menos hábeis que procuram afastá-la da luta. Entre, pois, os muitos aspectos do trabalho sindical há que salientar o que consiste em ensinar os trabalhadores da forma como se hão-de conduzir nas reuniões dos sindicatos, pondo a descoberto tais «manobras» e preparando a classe operária para esgotar todas as possibilidades de luta dentro delas.

Por isso, aos nossos militantes, aos



nossos simpatizantes e a todos os operários conscientes e dedicados à classe operária colocamos as seguintes TAREFAS para serem levadas a cabo:

1 — Ensinar e esclarecer os trabalhadores sindicados quanto à forma de realizar uma assembleia geral, como aí se devem conduzir, como devem aproveitá-la;

2 — Discutir e tornar conhecidos os estatutos dos sindicatos para que os trabalhadores conheçam os seus direitos legais e saibam como defender os seus interesses;

3 — Influenciar e levar os trabalhadores que sofrem o desconto da cota para os sindicatos a fa-

rem o necessário para obterem o cartão para que possam exercer os seus direitos e, se possível, participar nos corpos gerentes (uma das razões alegadas no S.N. dos Metalúrgicos do Distrito do Porto para condenar a lista da oposição).

Para que os sindicatos se transformem em instrumentos de luta para a defesa dos interesses dos operários precisamos, pois, de preparar estes para a participação em todas as reuniões sindicais, o que implica CONTACTOS E CONVERSAS com os operários mais influentes nos sindicatos ou que mostram mais disposição para frequentá-los, o que implica CONTACTOS E CONVERSAS no seio das empresas com os nossos companheiros de trabalho no sentido de os educar e instruir, quanto ao trabalho sindical.

## À CERCA DUMA PALAVRA DE ORDEM NO MOVIMENTO CAMPONÊS

NOTA — No número anterior, este artigo referia-se ao facto de alguns patrões terem proposto «o desaparecimento das praças de homens» e que os camponeses fossem individualmente a casa dos patrões para serem contratados. O artigo referia-se ainda ao agrado com que alguns camponeses viram inicialmente essa proposta. Essa posição era errada visto que «naquelas condições, a extinção das praças significava uma tentativa para dividir os camponeses a-fim-de os patrões poderem baixar os salários».

(Continuação do número anterior)

Nas praças, os trabalhadores estão todos juntos, trocam impressões acerca das ofertas que devem aceitar e cada camponês sente-se animado, pela presença dos seus camaradas, a recusar ofertas de salários mais baixos. Nas praças (como no decurso da luta se verificou) os camponeses podem fazer um movimento colectivo de recusa a trabalhar pelos salários de fome. As praças facilitam (no movimento camponês contra a ofensiva patronal contra os salários) a declaração da greve.

Se os patrões conseguissem levar por diante a extinção das praças e os camponeses fossem individualmente esmolar trabalho a casa dos patrões, estes teriam meio caminho andado para quebrar a unidade e a resistência camponesas e, um a um, muitos camponeses, desconhecendo a atitude dos seus camaradas, recendo ficar sem trabalho, etc., acabariam por aceitar jornas mais baixas.

Nestas condições, as praças de homens, que na realidade são mercados medievais da força de trabalho, torna-

ram-se um instrumento de luta na mão dos camponeses, havendo assim que lutar (no que respeita a algumas regiões) contra as tentativas para a sua extinção.

Eis as razões por que é completamente justa a consigna lançada pelas organizações partidárias de alguns sectores rurais e concretizada no «Avante!» da 1.<sup>a</sup> quinzena de março:

«Que os camponeses se recusem a ir esmolar trabalho a casa dos patrões e obriguem os patrões a irem contratá-los à praça».

\*\*\*

CAMARADA: Não envies às autoridades nem aos donos das empresas o «Avante!». Com isso, nem tu nem o movimento anti-fascista poderá lucrar. Quem poderá lucrar será a polícia, pois isso lhe servirá de pista. O «Avante!» é o guia e a voz dos trabalhadores e do povo anti-fascista. Por isso é a estes que o deves fazer chegar.



## MAIS UM EXEMPLO dum Caderno de Reivindicações

### Caderno de Reivindicações dos trabalhadores da fábrica C

Os trabalhadores da fábrica C, esperam que sejam atendidas as suas justas reclamações. Os trabalhadores desejam:

- 1 — Que os salários sejam aumentados 5400 para os homens e 7800 para as mulheres.
- 2 — Que seja construído um refeitório, uma cozinha e retretes para homens e para mulheres, com condições de limpeza e bem abrigadas.
- 3 — Que seja instalada uma creche para os filhos dos operários.
- 4 — Que seja permitido às operárias enxugar a roupa quando chegam à fábrica em dias de chuva.
- 5 — Que a sineta toque sempre em ponto à hora da saída, devendo ser paga uma hora extraordinária desde que a sineta toque 5 ou mais minutos depois da hora.
- 6 — Que sejam despedidos os mestres que continuam perseguindo as operárias.

## EXPERIÊNCIAS DA LUTA REIVINDICATIVA

(Continuação da pág. 3)

participação ou aprovação dos trabalhadores, CADERNOS DE REIVINDICAÇÕES, tal como foram definidos no «Militante» de janeiro de 1944 (n.º 26).

A Comissão deve, em segundo lugar, não aparecer frente ao patronato, sindicatos, autoridades, como um «grupo» separado das massas, mas com a força que lhe dá o facto de REPRESENTAR os trabalhadores. Isto só se consegue se se fizer apoiar a acção da Comissão (sempre que possível) com suspensões de trabalho, concentrações de todos os trabalhadores junto dos escritórios, patrões, sindicatos, autoridades, enquanto a Comissão apresenta as

reivindicações.

Isto é totalmente diverso do que fizeram os nossos camaradas de X. Estas são as características das Comissões de

Unidade que eles devem compreender. Os nossos camaradas de X precisam de ler com atenção as publicações do Partido, saber colher as experiências da luta noutros sectores e APLICAR NA PRÁTICA a linha

### “O Militante” de abril

Por razões de interesse partidário não se publicou em abril «O Militante».

do Partido. Com a boa-vontade e dedicação de que têm dado provas, não lhes será difícil lançarem-se decididamente a um trabalho de massas e encabeçar, dentro em breve, o movimento operário em X.

Há fábricas que estão a fechar ou que diminuem a produção. Milhares de trabalhadores (indústrias da cortiça, textil, calçado, etc.) estiveram ou estão em riscos de serem despedidos ou trabalham a semana reduzida. Lutemos, pois, camaradas, CONTRA O DESEMPREGO, CONTRA OS DESPEDIMENTOS, PELO PAGAMENTO TOTAL NAS FÉRIAS NAS EMPRESAS EM LABORACÃO REDUZIDA, PELO SUBSÍDIO AOS DESEMPREGADOS, PELO FORNECIMENTO DE MATERIAS PRIMAS.

«Que cada militante do Partido saiba ser intransigente nos princípios, audacioso na concepção, empreendedor na actividade; saiba defender o Partido como a menina dos seus olhos, saiba ligar toda a sua actividade às massas exploradas e oprimidas, saiba levantar cada vez mais alto a bandeira invencível do Partido do proletariado.»

(Da «Saudação do I Congresso Ilegal do PCP aos militantes do Partido»)